

Uma clínica sonhada em "narrativa-rede: entre o sonho e a criação"

A clinic dreamed of in "Narrativa-rede: between dream and creation"

Una clínica soñada en "Narrativa-rede: entre el sueño y la creación"

Nara Mitiru de Tani e Isoda

<https://orcid.org/0000-0003-0308-7829>

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA- USP), São Paulo, SP, Brasil.

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

<https://orcid.org/0000-0003-0590-620X>

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA- USP), São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

Este artigo apresenta resultados e reflexões de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo estudar o sonho como gesto clínico e gesto criativo. A exploração conceitual do sonho foi feita em uma abordagem transdisciplinar, evocando-se noções que emergiram de estudos de neurociência, da psicanálise e de alguns grupos indígenas, o que possibilitou pensar o sonho em suas dimensões clínica, criativa, coletiva e poética. A investigação das formas de criação a partir do sonho foi feita a partir do estudo de artistas que desenvolveram obras em diálogo com os sonhos. Acompanha esse estudo a investigação de um processo de criação que se fez na relação com os sonhos, no desenvolvimento de uma proposta artística a partir de narrativas de sonhos da própria pesquisadora e de outras pessoas, que ganhou forma em cartas, diários, escritos, objetos de cerâmica, camas, fotografias, desenhos, pinturas, ilustrações, alguns deles apresentados aqui. O método cartográfico possibilitou a instauração deste plano de experiências e seu acompanhamento, de modo que o objeto de estudo - os sonhos e os processos de criação em diálogo com eles - foi também produto imaterial desta pesquisa, que teve como resultado a cartografia do próprio processo, as obras criadas e uma reflexão transdisciplinar sobre as relações entre sonhar, criar e cuidar.

Palavras-chave: arte, clínica, cartografia, narrativa, processos de criação, sonho.

Abstract

This article presents the results and reflections of a master's research project that aimed to study the dream as a clinical and creative gesture. The conceptual exploration of the dream was carried out using a transdisciplinary approach, evoking notions that emerged from studies of neuroscience, psychoanalysis and some indigenous groups, which made it possible to think of the dream in its clinical, creative, collective and poetic dimensions. The investigation into ways of creating from dreams was based on the study of artists who have developed works in dialogue with dreams. This study also included the investigation of a creative process that took place in relation to dreams, in the development of an artistic proposal based on the dream narratives of the researcher herself and other people, which took shape in letters, diaries, writings, ceramic objects, beds, photographs, drawings, paintings and illustrations, some of which are presented here. The cartographic method made it possible to set up this plan of experiences and follow it up, so that the object of study - dreams and the processes of creation in dialogue with them - was also the immaterial product of this research, which resulted in the cartography of the process itself, the works of art created and a transdisciplinary reflection on the relationship between dreaming, creating and caring.

Keywords: art, clinic, cartography, narrative, creative processes, dream.

Resumen

Este artículo presenta los resultados y reflexiones de un proyecto de investigación de maestría que tuvo como objetivo estudiar el sueño como gesto clínico y creativo. La exploración conceptual del sueño se realizó con un enfoque transdisciplinario, evocando nociones surgidas de estudios de neurociencia, del psicoanálisis y de algunos grupos indígenas, lo que permitió pensar el sueño en sus dimensiones clínica, creativa, colectiva y poética. La investigación de las formas de creación a partir de los sueños se basó en el estudio de artistas que han desarrollado obras en diálogo con los sueños. Este estudio también incluyó la investigación de un proceso creativo que tuvo lugar en relación con los sueños, en el desarrollo de una propuesta artística basada en las narrativas oníricas de la propia investigadora y de otras personas, que tomó forma en cartas, diarios, escritos, objetos de cerámica, camas, fotografías, dibujos, pinturas e ilustraciones, algunos de los cuales se presentan aquí. El método cartográfico permitió establecer este plan de experiencias y darle seguimiento, de modo que el objeto de estudio - los sueños y los procesos de creación en diálogo con ellos - fue también el producto inmaterial de esta investigación, que dio lugar a la cartografía del propio proceso, a las obras creadas y a una reflexión transdisciplinar sobre la relación entre soñar, crear y cuidar.

Palabras clave: arte, clínica, cartografía, narrativa, procesos de creación, sueño.

Como citar:

Isoda, N. M. T.; Lima, E. M. F. A. (2025). Uma clínica sonhada em "narrativa-rede: entre o sonho e a criação". Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3163-3179. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto65034

Uma clínica sonhada em "Narrativa-rede: entre o sonho e a criação"

Os sonhos são, por si só, uma criação da psique que sonha, um gesto poético, criativo e vivo: uma resistência política ao brutal sistema dominante que tenta nos retirar o repouso, a criatividade e o tempo. Sonhar é a possibilidade de restaurar-se, acessar-se, criar experiências e inventar mundos, caminhos e habitações. Foi nítida a proliferação da discussão em torno da importância do sonhar na coletividade em tempos pandêmicos e pós-pandêmicos e se faz necessária, senão urgente, uma terapia ocupacional que busque instaurar espaços-tempos com existências sensíveis e porosas ao sonho, à criação e à poesia.

O tema deste artigo, com base na pesquisa de mestrado "Narrativa-rede: entre o sonho e a criação", é a elaboração da potência do sonho enquanto gesto clínico de cuidado com a psique sonhadora e como gesto criativo e poético. Foi objetivo da pesquisa estudar o universo onírico em relação com a criação artística, na interface entre arte e clínica. Clínica é aqui compreendida como empreendimento de saúde (Deleuze, 2014), e abertura de espaços-tempos que envolvam cuidado, criação e vida, para além dos espaços estruturados e institucionalizados de atendimento.

A exploração conceitual do sonho foi feita em uma abordagem transdisciplinar, evocando-se noções que emergem de estudos da neurociência, da psicanálise e de alguns grupos indígenas, o que possibilitou pensar o sonho em suas dimensões clínica, criativa, coletiva e poética. O estudo das formas de criação a partir do sonho foi feito na pesquisa de artistas e criadores que realizaram trabalhos na relação com os sonhos, buscando conhecer o que criaram e saber como trabalharam na relação com os sonhos e como desenvolveram modos de acesso a conteúdos inconscientes.

Acompanha esse estudo, a instauração e investigação de um processo de criação da pesquisadora que se fez a partir da coleta de seus próprios sonhos e de sonhos de terceiros, no desenvolvimento de imagens, textos e objetos: cartas, diários, objetos de cerâmica, camas, fotografias, desenhos, pinturas, ilustrações, datiloscritos e manuscritos com uma caligrafia inventada, a "caligrafia onírica".

Para a coleta de sonhos, foram criadas cartas e convites aos sonhadores, disparadas nas redes sociais e entre pessoas conhecidas. Como resposta, diversos sonhos foram enviados de forma anônima à pesquisadora, que junto à coleta também anotou seus próprios sonhos em diários. A partir do conjunto desses sonhos, que foram inseridos anonimamente na pesquisa de mestrado, a pesquisadora desenvolveu um processo de criação artística. Os sonhos de terceiros são aqui compreendidos como processos autopoieticos de cuidado e criação, tanto pelo gesto criativo ao sonhar como pela forma de registro criada para que o sonho fosse enviado à pesquisadora.

O método cartográfico possibilitou esse plano de experiências, desviando-se de um sentido único para a experimentação, em direção a múltiplas entradas e percursos, através de estudos que alinhavaram diferentes referenciais teóricos e artísticos. Assim os objetos estudados - os sonhos e os processos de criação a partir deles - foi também produto imaterial desta pesquisa, que teve como resultado a

cartografia do próprio processo, as obras criadas e uma reflexão transdisciplinar sobre as relações entre sonhar, criar e cuidar.

A clínica sonhada na busca de abertura de espaços-tempos e estases temporais para resistir à temporalidade 24/7

Dois impulsos fundamentais nortearam o processo de pesquisa: o primeiro, nítido desde o início dos estudos dos sonhos, foi a noção de que o ato de sonhar consiste, em si, em um gesto de cuidado da psique sonhadora consigo mesma. A decorrente possibilidade de instaurar processos de criação a partir dos sonhos constitui modos de fazer com tal potência clínica, além de artística. Clínica aqui foi compreendida como abertura de espaços-tempos nas quais se instauram, na relação entre as pessoas, possibilidades de cuidado, de criação, de vida e que comporta uma "outra saúde" em toda a sua diversidade, "não uma saúde de ferro dominante, mas uma irresistível saúde frágil", como diria Deleuze, "marcada por um inacabamento essencial que, por isso mesmo, pode se abrir para o mundo" (Deleuze apud Lima, 2009, p. 227).

As formas de cuidado desta clínica se operam através de movimentos, ações e práticas desenvolvidas na coletividade, de modo a tecer encontros que acolham o sofrimento humano e potencializem a vida. Nesses encontros, fazeres diversos são compartilhados, combinados e recombinaados, de modo a engendrar momentos de criação e de acontecimento da vida. A isto denominamos clínica; mas, também isto poderia se chamar arte. Nesta pesquisa, estas noções se encontram e dialogam em todo o percurso. Os processos de criação aqui empreendidos surgem ao mesmo tempo que uma experiência clínica é vivida e criada. Desse modo, a experiência clínica foi entendida como operação que envolve um gesto de cuidado de si e ao mesmo tempo, como um ato de criação.

A noção de sonho concebida neste trabalho, portanto, carrega este caráter híbrido, de gesto clínico e gesto criativo. Como dito anteriormente, o sonho foi compreendido como movimento de um tempo metamórfico e de criação de acontecimentos novos, constituindo uma experiência estética e criativa, além de clínica. Desse modo, o impulso inicial do trabalho foi um aprofundamento da pesquisadora na experiência onírica enquanto gesto de cuidado e refletir sobre decorrentes formas de registro possíveis dessas experiências, onde arte e clínica coexistem.

O segundo impulso diz respeito à construção de um território de criação que pudesse operar como linhas de fuga às almas que sonham, isto é, rotas alternativas às da morte, da captura e da escravização impostas pela máquina capitalística dominante (Rólnik, 2016). Este outro plano do mesmo projeto foi sendo percebido no próprio fazer da pesquisa, sobretudo quando esta tangenciou uma dimensão coletiva - quando se vislumbrou um lugar de encontro para várias vozes no decorrer da narrativa. A ampliação do trabalho para essa dimensão coletiva do sonho me aproximou de questões de ordem social, como a reflexão acerca da qualidade dos espaços de dormir na cidade, do direito ao sono e ao repouso e do sonhar como resistência frente ao modo de vida capitalista.

A temporalidade experimentada no processo de desenvolvimento do mestrado resiste à temporalidade capitalista, busca se desvencilhar dela para encontrar a “experiência do tempo imaginário” descrita por Blanchot: experiência na qual há uma metamorfose do tempo onde o “presente” recomeça o “passado”, mas onde o passado se abre ao futuro que ele repete, para que aquilo que vem volte sempre, e novamente (...). É verdade que a revelação ocorre agora, aqui, pela primeira vez, mas a imagem que se nos apresenta aqui pela primeira vez é a presença de um “já outra vez”, e ela nos revela o que “agora” é “outrora” (Blanchot, 2013, p.23). Essas transformações e metamorfoses do tempo, experiência na qual o presente retoma o passado, as memórias, ao passo que se abre em novos acontecimentos, aproximam-se auspiciosamente da própria temporalidade onírica. Blanchot aprofunda essa compreensão metamórfica, afirmando que ela indica “não um passado e um presente, mas uma presença que faz coincidir, numa simultaneidade sensível, momentos incompatíveis (...), um momento ‘liberto da ordem do tempo’”.

Essa é a sua proposição de estase temporal, uma experiência de abolição do tempo, na qual ele se configura como espaço e lugar vazio, e que constitui o próprio tempo da narrativa: “o tempo que não está fora do tempo, mas que se experimenta como um exterior, sob a forma de um espaço, esse espaço imaginário onde a arte encontra e dispõe seus recursos” (Blanchot, 2013, p.17). Não seria o tempo onírico essa espécie de estase temporal, onde momentos incompatíveis coabitam e criam espaços vazios? Espaços vazios seriam espaços livres dos acontecimentos e de toda sorte de atividades da vida de vigília, onde existiria abertura para a arte, a criação e a imaginação.

Diante de cenários aprisionadores impostos pelos sistemas dominantes, o espaço do sonho enquanto abertura para as estases temporais e devires criativos se constitui em espaço privilegiado de exercício das liberdades, que se buscou explorar nesta pesquisa, por uma arte e uma clínica em interface que estejam conjuntamente implicadas na criação de vida.

A possibilidade de sonhar não é uma garantia, pois o funcionamento do sistema capitalista sobretudo nos espaços urbanos atropela o espaço do repouso e do sono, e por consequência do sonho. Aos corpos se exige que trabalhem à exaustão, em detrimento da singularidade dos gestos e das expressões. Esta pesquisa encontra, portanto, no próprio sonhar, um gesto de resistência política e criativa. E os processos de criação que decorrem do sonhar são o assunto de interesse dessa pesquisa, na busca de contribuir com a prática da terapia ocupacional, ainda que espaços clínicos de atendimento a partir dessa perspectiva, desenvolvidos pela pesquisadora, não tenham sido objeto deste estudo.

O que se busca discutir são as possibilidades clínicas e criativas dos sonhos e partir deles, daquilo que é possível criar e construir poeticamente a partir do que se sonhou, enquanto resistência aos sistemas dominantes. Refletir sobre o sonho que aconteceu, percebendo suas cores, detalhes, significados e reconhecendo o trabalho onírico operando sobre o sujeito. Um registro imagético ou textual de um fragmento de sonho, o recontar de uma narrativa, a criação de um espaço-tempo para o acontecimento

do sonho e suas reverberações. Assim, buscou-se estudar maneiras artísticas, criativas e poéticas para lidar com os sonhos e dar continuidade aos gestos criativos que tem início no próprio sonhar.

Resgatar a poesia dos hábitos cotidianos é, aqui, inseparável do resgate da dignidade humana, essencial na transformação dos cenários de exclusão e desqualificação; reativar a potência criadora da vida, ainda que em gestos minoritários, quase invisíveis. Walter Benjamin já nos alertara sobre a dificuldade de se registrar as experiências vividas em tempos de terror – da alarmante pobreza de experiência à situação dos que procuram devorar tudo até exaurirem-se. Diz o autor: “ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (Benjamin, 1987, p.3). Em mundos, como o nosso, que se mostram pobres de experiências e apropriações pelos sentidos, em que operam dinâmicas violentas, brutais, opressoras, a busca do contato com o universo onírico e sua decorrente expressão através de criações artísticas é compreendida como um gesto clínico, ético, estético e político. Octavio Paz diz que o sonho, a imaginação, o desejo posto como exercício concreto de liberdade é capaz de alargar a sensibilidade, instaurar a poesia e engendrar, diante da caótica e maquínica situação contemporânea, rupturas e rearranjos do real (Paz, 2017).

Concepções do sonho: dimensões clínica, coletiva e poética do sonho

As diferentes formas de sonhar exploradas ao longo da pesquisa constituem práticas de cuidado. Tal dimensão clínica foi entendida, portanto, como uma qualidade inerente ao sonhar e relacionada a alguns pontos levantados pelos autores estudados, dos indígenas aos psicanalistas: nos primeiros, em como os sonhos evocam caminhos e modos de cuidado com a própria floresta, natureza-mãe e provedora da vida dos que a habitam. Cuidar da floresta reverbera em ações de cuidado com a própria comunidade que se nutre de todos os seus recursos. Nos segundos, uma das funções do sonho enquanto movimento que ocorre durante o sono é o de “guardar” o sono, como diz Freud, além de possibilitar um movimento restaurador da psique.

O sonho é um plano de acontecimentos que por si só nos une enquanto prática coletiva comum, ao ser experimentado por todas as pessoas desde a infância imemorial. A experiência onírica cotidiana pode ficar mantida para si (esquecida, lembrada) sem ser compartilhada, permanecendo guardada, mais ou menos intocada. De outro modo, o sonho pode vir a ser revisitado com o outro e com grupos, podendo constituir rodas de sonhos e outras ritualísticas coletivas a depender do contexto e das práticas culturais e sociais do sonhador.

No livro "O oráculo da noite" o neurologista brasileiro Sidarta Ribeiro (2019) trata da importância do sonho em diversas civilizações como a egípcia, a grega e a ameríndia, a partir de uma perspectiva de recuperação de narrativas literárias e históricas ao redor do mundo. Ribeiro investiga a experiência humana de sonhar presente nas coletividades humanas, desde que se tem registro histórico. No contexto contemporâneo regido pelos valores capitalistas, o sonho tem sido negligenciado. Quantas pessoas

acordam de manhã e contam seus sonhos a seus familiares? Em que medida consideram seus sonhos em suas vidas cotidianas, ainda que para si mesmos? A desvalorização contemporânea dos sonhos teria íntima relação com a dificuldade de imaginar as consequências de nossos atos, uma vez que o sonho pode ser entendido como um simulador de situações possíveis, na tentativa de devolver uma dimensão oracular à experiência e compreensão do sonho (Ribeiro, 2019).

Se a sociedade se torna incapaz de criar surrealidades, planos de sensibilidades que abrem para atos imaginários, devaneios, fantasias, errâncias, ela corre o risco de ficar capturada a uma realidade unidirecional, propensa a fatalidades. O sonho teria, deste ponto de vista, a capacidade de criar realidades outras.

Os modos de sonhar variam de acordo com a cultura da qual provém e dependem das práticas cotidianas e formas de vida desses contextos, bem como suas formas de registro e disseminação. Em culturas ancestrais as práticas de sonhos foram transmitidas e transformadas de geração a geração, muitas vezes através da oralidade, variando amplamente nos modos de compartilhamento e ritualísticas no interior de suas coletividades. Nos contextos urbanos modernos e contemporâneos, o sonho tem sido trabalhado em âmbito analítico, de modo singular e subjetivo. Acompanhando uma revalorização do compartilhamento do sonho no contexto da pandemia de Covid-19, em que importantes figuras de referência no assunto puderam discutir a importância do sonhar.

Do ponto de vista clínico e psicanalítico, o sonho foi para Freud "o caminho por excelência da descoberta do inconsciente" (Laplanche e Pontalis, 2016, p.236). O sonho como caminho investigativo a ser perscrutado e o método interpretativo são os pontos cardeais de "A interpretação dos sonhos", publicada em 1900. São ideias centrais desse livro a noção de que o sonho não é um fenômeno acessório ou aleatório, mas um importante e complexo trabalho psíquico que consiste em uma realização de desejo e que pode ser interpretado, sendo que o trabalho de interpretação jamais será capaz de esgotar o sonho. (Rivera, 2015).

Marion Milner, escritora e psicanalista britânica, ajudou na reflexão acerca do sonho e do fazer artístico. Sua compreensão do sonho como "testemunha de um estado de ser" que não implica necessariamente em interpretação de conteúdos distorcidos é valiosa, coloca luz não sobre um texto a ser decifrado, mas sobre as linguagens ali criadas. Milner enfatiza em seus livros, a importância do "registro estético da experiência" (Devito, 2015, p.50). Pensar por imagens muitas vezes é qualidade do pensamento artístico e também do sonho.

Carl Gustav Jung também pensou o sonho como criação de materiais novos, na noção de que o sonhador "produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos" (Jung, 2016, p.21). Suas noções de sonho, símbolo, inconsciente e arquétipo e suas incursões artísticas no "Livro Vermelho" trazem novas luzes às questões do sonho e da criação. Para o autor, a função geral dos sonhos é a de

tentar restabelecer a balança psicológica do sujeito, de modo que o material onírico reconstituiria o seu equilíbrio psíquico, por meio de compensações que ocorreriam na psique.



Figura 1: Carl Jung, "Livro Vermelho", 2009.

O "Livro Vermelho", desenvolvido entre 1914 e 1930, é uma obra singular de Jung que materializa seu processo de criação e suas experiências com os sonhos e indica as intersecções entre a experimentação artística e a psicológica com a qual tantos indivíduos estiveram engajados naquela época.

No que se refere à dimensão coletiva do sonho, foram pesquisadas algumas noções destes grupos indígenas: Krenak, através dos livros e vídeos de Ailton Krenak; Yanomami, a partir de relatos de Davi Kopenawa; e Xavante, estudado por Arthur Iraçu Amaral Fuscald. O sonhar nas culturas indígenas é uma experiência coletiva e transcendental, de profunda conexão com a natureza. Cada grupo possui um conjunto de práticas singulares a partir dos sonhos, ritualísticas experimentadas pelos corpos iniciados e experientes, num processo de transmissão dos saberes através da vivência. É devido a esse caráter de experiência vivida que Kopenawa diz que sua gente não anota as sabedorias xamânicas em "peles de papel", pois não podem ser traduzidas e ensinadas em livros. Em "Os índios do Brasil", Julio Cezar Melatti coloca que o modo de entrar em contato com o sobrenatural varia muito de uma sociedade para outra, e que em geral os xamãs realizam esta tarefa, podendo exercer ou não outras atividades que envolvem processos de cura.

Ailton Krenak (2019) traz uma bonita concepção do sonho enquanto um espaço de formação, o lugar de uma prática que é percebida em diferentes culturas, a que ele chama de instituição sonho, através do qual diferentes povos cultivam certas tradições de aprendizado, de autoconhecimento e de conhecimento da vida, e da aplicação desse conhecimento na interação com as pessoas e com o mundo. Ele diz que se trata de uma disciplina relacionada à formação dos povos e à cosmovisão. Davi Kopenawa apresenta

uma noção de sonho como instrumento de transcendência espiritual a serviço da coletividade. Para todos estes grupos indígenas estudados, o sonho como transcendência e transmissão dos saberes só pode acontecer no plano da coletividade, como modo essencial de preservação da vida na floresta.

O sonho enquanto trabalho coletivo e compartilhado está presente em práticas de povos originários brasileiros desde tempos remotos, dos quais não temos registros precisos, e permanecem vivas até hoje. Segundo Sidarta Ribeiro (2019), encontram-se registros de uso dos sonhos enquanto método oracular e coletivo em diversas culturas, em diferentes momentos da história da humanidade. Essas práticas diferem do modo de relação com os sonhos que as sociedades urbanas ocidentais desenvolveram. O trabalho clínico psicanalítico que teve origem por volta do início do século XX na Europa se constituiu enquanto prática clínica singular baseado na noção de inconsciente individual. Alguns estudos contemporâneos no campo das neurociências têm trazido dados que corroboram com elementos da teoria psicanalítica e têm também estabelecido um diálogo com práticas e visões dos povos originários (Ribeiro, 2019).

Essas diferentes concepções e modos de se relacionar com os sonhos compreendem também o sonho em sua dimensão poética.

Todo sonho tem algo de poesia, e toda poesia, toda arte, talvez se aproxime do sonho, nesse sentido. O primeiro é radicalmente singular, enquanto os demais formam um campo que se define pelo compartilhamento de uma transformação da linguagem capaz de alterar o homem e o mundo. Em ambos, ocorre algo, se explicita um acontecimento em geral sorrateiro (Rivera, 2015).

A partir de Blanchot e Symborska, compreendi então o sonho como um jogo poético, um jogo de buscar a expressão entre a palavra e a imagem, entre o narrado e o oculto. Por meio da criação poética, a manifestação formal criada não cessa os mistérios e promove no sonhador um deslocamento, um acontecimento, uma transformação. O sonhador é então, mais ou menos inconsciente, criador de "visualidade", nas palavras de Khouri: aquele "que explora os recursos da escrita, do desenho, da cor" (Khouri, 2011, p.20).

Há que se destacar o papel daquele que acompanha o sonhador na narrativa de suas experiências: o analista, o terapeuta, o ouvinte, o espectador ou o leitor da obra estética, a comunidade, no caso dos grupos indígenas e em outras experiências de compartilhamento, encontros que inclusive muitas vezes possibilitam a lembrança do sonho e o contar para alguém a narrativa, sustentando o percurso de pesquisa com os sonhos.

Entre o sonho e a criação

*Quando a sensação-sonho encontra a cena-palavra,
algo na consciência se aquieta. A carta do inconsciente chega,
sou eu mesma, o envelope sendo aberto com a alegria
de saber-se destinatário certo. (Gabriela Aguerre)*

Nesse ponto da pesquisa apresentei artistas que trabalharam na relação com os sonhos e busquei refletir sobre como realizaram tais obras: como evocam o universo onírico em suas obras? Como expressam a relação entre palavras e imagens e materiais, para evocar o onírico que é um plano imagético e imaterial? A ligação entre a imagem e o sonho realizada pelos artistas surrealistas foi um momento histórico-artístico crucial, no qual procurei me debruçar um pouco mais. Para os surrealistas, sonhar era uma atividade visual eminentemente plástica: sonhamos com os olhos, vemos o que sonhamos. Assim, o sonho e a imagem foram por eles compreendidos como componentes centrais da vida, olhados e cultivados sob a lente da paixão, da criação de vida, como se a cada obra afirmassem “viver é sonhar” (Jimenez, 2013, p.53).

No desenvolvimento do processo de criação da pesquisadora a partir dos sonhos, um ponto importante foi a criação de “Cartas aos sonhadores e sonhadoras” e “Convite virtual ao sonho” (Fig.2). A ideia de enviar uma carta para convidar pessoas a enviarem seus sonhos à pesquisa surgiu assistindo ao filme “O zero não é o vazio”, de 2005, no qual um artista psicótico realiza repetidas vezes o gesto criativo de escrever um bilhete junto da assinatura feminina Orlanda depositando-os, em seguida, em caixas de correio que vai escolhendo ao longo de sua caminhada nas ruas da cidade. Essa cena contribuiu para o encontro de uma forma de ampliar o trabalho com os sonhos para essa dimensão coletiva, o uso de cartas ou bilhetes a pessoas conhecidas e desconhecidas.

Outra referência que influenciou a tessitura das cartas foram as fotomontagens da alemã Grete Stern publicadas na revista feminina argentina *Idílio*, a partir de sonhos enviados pelas leitoras da revista. A fotógrafa criou, entre 1948-51, fotomontagens que ilustraram a seção “A psicanálise vai ajudá-la” desta revista, cuja seção propunha o desafio de que as leitoras enviassem cartas nas quais contassem seus sonhos, analisados posteriormente por dois editores. A partir dessa análise, Grete Stern criava ilustrações através de um processo analógico de colagem.

As “Cartas aos sonhadores e sonhadoras” e “Convite virtual ao sonho” foram os elementos disparadores da mudança de enfoque da pesquisa de um caráter mais pessoal, restrito à biografia da pesquisadora, para um enfoque coletivo. A criação e envio das cartas e as decorrentes respostas das pessoas compuseram a coleta de sonhos. Em nenhum momento houve o intuito de fazer interpretações ou ilustrações no sentido representativo, assim como fazia Grete Stern.

Para além do plano imagético através do desenho, pintura e ilustração - linguagens em que a pesquisadora já trabalhava antes do mestrado -, durante a pesquisa, as formas de criação com o sonho se multiplicaram: surgiram os manuscritos e datiloscritos e também as fotografias e os objetos de cerâmica. A pesquisadora, em seu processo criativo, buscava descobrir, junto ao registro narrativo do sonho, qual seria a melhor linguagem plástica para trabalhar. Os sonhos foram trabalhados ora imageticamente, ora em sua dimensão textual e às vezes na relação texto-imagem.

Os sonhos foram coletados no período de 2018 a 2021. As pessoas foram convidadas a enviarem seus sonhos (ou sonhos de terceiros que os autorizassem) por email ou outras maneiras que preferissem: em mãos, manuscritos, gravações de áudio, por meio de textos, sons e/ou imagens. Foi informado aos sonhadores nas cartas e convite que os sonhos poderiam ser publicados nesta pesquisa parcial ou inteiramente, em caráter anônimo e sem qualquer viés interpretativo no sentido de analisar seu conteúdo. O que interessou à pesquisa foi o caráter poético dos registros e o contato com a pluralidade de vozes.

Assim, a coleta de sonhos aconteceu por meio deste conjunto de procedimentos: o processo de coleta de sonhos pessoais da pesquisadora, o envio das cartas e convite aos sonhadores e sonhadoras e o decorrente recebimento dos sonhos enviados por estas pessoas à pesquisa. A pesquisadora encontrou também sonhos nas bibliografias estudadas e consultadas. Todos estes sonhos se misturaram de algum modo ao longo da pesquisa, interessada em falar da experiência onírica, e não apenas da experiência onírica da pesquisadora.

Foi possível reunir os sonhos coletados em agrupamentos de sentido ou temas, sem o intuito de atribuir-lhes significações ou interpretações, como já dito, mas para se fazer notar alguns temas recorrentes do universo onírico, localizados nos sonhos de diferentes procedências. Foram estes: *Sonhos com corpos; Sonhos com dentes; Sonhos sobre morte-vida-renascimento; Sonhos sobre maternidade, bebês e crianças; Sonhos com animais ou seres misturados (anjo, animal híbrido); Sonhos com arquiteturas e espaços (físicos, psíquicos); Sonhos com cores; Sonhos de conflito, combate, cura e Sonhos com água.*

Desse mergulho no universo onírico durante os anos do desenvolvimento do mestrado, e junto da contribuição dos sonhos que foram partilhados à pesquisa, um corpo de obras de diferentes linguagens foi sendo produzido pela pesquisadora, sempre em diálogo com diferentes referências artísticas. Essas referências e os sonhos coletados foram as maiores fontes de inspiração para todo o trabalho artístico. Essas novas incursões plásticas se manifestaram em ilustrações, pinturas e a criação da caligrafia onírica, cerâmicas, fotografias em celular e analógicas e trabalhos com a ênfase na dimensão textual, como datiloscritos e manuscritos.



Figura 2: Nara Isoda, "Convite virtual ao sonho", conjunto de seis ilustrações, grafite, guache e colagem sobre papel, 2018.

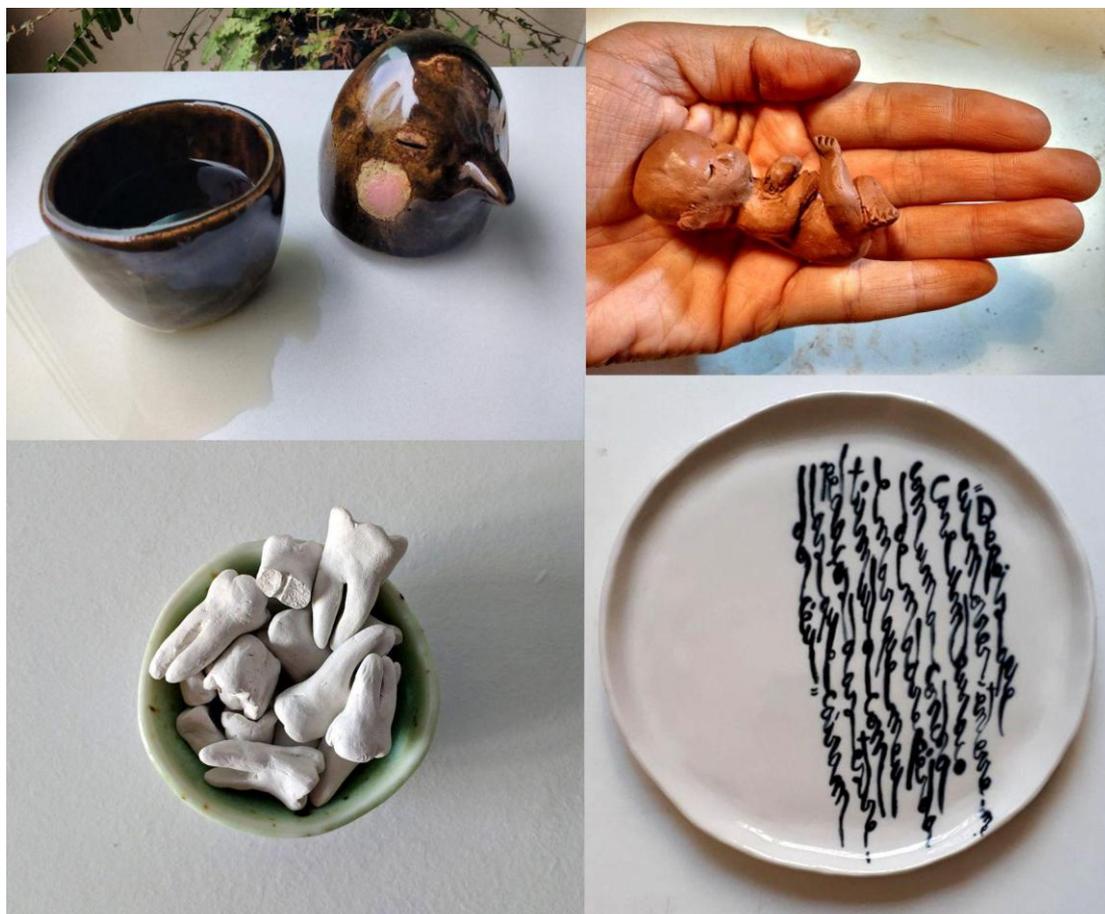


Figura 3: Nara Isoda, Objetos de cerâmica: Estudo para xícara-pássaro, Estudo para bebê morto, tigela de dentes e Prato n.1 Sôseki, 2018.



Figura 4: Nara Isoda, "Livro Rosa" com caligrafia onírica e ilustrações, nanquim e guache sobre papel, 2019.



Figura 5: Nara Isoda, Série Fotografias sonolentas: Artista trabalhando, Cama precária 1 e Cama precária 2, câmera instax 8,5 x 5,5 cm, 2018.

As imagens acima apresentadas são alguns dos resultados do processo de criação da pesquisadora. A caligrafia onírica (Fig.3 - Prato n.1. Sôseki e Fig.4) é uma série de escritos realizados com nanquim e pincel, onde as palavras escorrem no sentido vertical inspirada na caligrafia japonesa. Foi criada com o intuito de desacelerar e complexificar a leitura do texto onírico, transformá-lo em enigma, envolvê-lo em uma outra camada de mistério para além daquele que possivelmente já está contido no sonho, torná-lo, quando possível, ininteligível, nebuloso, estranho. A caligrafia foi inscrita nos suportes de papel e cerâmica.

O Livro Rosa (Fig.4) é um caderno de dimensões 21 x 29,5 cm (formato fechado), que contém textos e ilustrações/pinturas, sendo cada dupla de páginas ocupada por um sonho. Aqui há uma relação

fundamental entre o texto - que muitas vezes se modifica do texto bruto da primeira anotação, passando a ser mais sintético e poético -, a caligrafia onírica e a imagem.

Através da realização da série de objetos de cerâmica (Fig.3) a pesquisadora percebeu um outro modo de chegar na matéria do sonho, pela forma tridimensional, corporal e talvez mais orgânica. Ao modelar a xícara-pássaro, o corpo do bebezinho morto, ou mesmo um dente, o objeto parecia ir aos poucos ganhando vida, mesmo que a busca pela forma não tenha tanta semelhança com a realidade sonhada. Os pratos de porcelana (um dos pratos na Fig.3) surgiu com a ideia de inscrever nos pratos trechos de sonhos, expandindo as possibilidades de suporte da caligrafia para além do papel.

Na produção fotográfica (Fig.5), o recurso da câmera instantânea permitiu a aproximação à temporalidade da fotografia analógica, com uma qualidade de foto antiga. A primeira fotografia sonolenta "Artista trabalhando", foi inspirada por uma obra fotográfica de mesmo título do artista Vito Acconci. Foi bastante libertadora a ideia de que o momento de dormir e sonhar pode ser valioso como um trabalho, não naquele sentido capitalista de cercear o corpo e o sonho diante da corrida produtivista, mas de atribuir um valor central àquilo que já fazemos, e que não raro é negligenciado, como se o sono fosse um momento infrutífero ou menos importante. Enquanto a artista dorme, já estaria trabalhando. Não deixaria de destacar, contudo, a ironia que traz este artista, na contraposição da lógica do trabalho com a ideia de não fazer nada.

As camas precárias (ainda Fig.5) foram objetos encontrados no dia-a-dia pela pesquisadora que remetiam à ideia da cama, como carrinhos de construção, carrinhos de supermercado, lixeiras na rua. Metaforicamente, evocam uma outra dimensão do dormir, ao relento das grandes cidades, das pessoas em situação de rua ou desprivilegiadas. Como se as fotografias fizessem indagar: que qualidades de sono e sonho são possíveis nas camas precárias? Dentre diversos artistas estudados no mestrado, Louise Bourgeois foi uma das principais referências: ela realizou instalações em que a cama aparece como elemento central, obras com tecidos, madeira, metais que criam espaços oníricos de repouso e mistério, lugares da intimidade, mas não necessariamente do silêncio. Bourgeois fala da angústia da insônia, em sua série "Insomnia drawings", refletindo sobre o estado da ausência de sono e como reivindicação do acolhimento.

O meu trabalho tem a ver com uma defesa contra o fervor. As pessoas estão sempre com pressa. (...) Há uma espécie de fervor que não tem sentido. Este desenho é um apelo à meditação... Sou uma insone, então para mim o estado de adormecer é o paraíso. (...) Meus desenhos são uma espécie de balanço ou carícia e uma tentativa de encontrar a paz. Ritmo pacífico. Como embalar um bebê para dormir (Blog Accordion file, 2010).

A possibilidade de continuidade à criação plástica a partir dos sonhos, através de seus registros em linguagens diversas, foi algo almejado nesta pesquisa e pode ganhar espaço, ampliar-se. A relação arte-clínica esteve presente em todo o processo de criação: as obras não foram/não são apenas uma prática artística, mas também clínica, e tal hibridização foi se tornando cada vez mais evidente no decorrer da

pesquisa. As obras dos artistas encontrados fertilizaram reflexões sobre os modos de trabalho com os sonhos e também inspiraram criações novas.

Repouso (conclusão)

Daí resulta que o sonho parece fazer surgir, em cada um, o ser dos primeiros tempos - e não somente a criança mas, para além, para o mais longínquo, o mítico, o vazio e o vago do anterior. (Maurice Blanchot)

Esta pesquisa ampliou a compreensão do universo onírico, expandiu as possibilidades de relações com os sonhos e possibilitou a ressignificação de camadas existenciais, já que a vida acontece em grande medida enquanto dormimos. O sonho passou a ser compreendido não apenas como invenção de saídas imaginárias, mas como parte fundamental e concreta da vida cotidiana, porque ali reside um movimento de criação do novo, gerador de vida. "Buscar e inventar saídas para os impasses subjetivos que a vida e seus acontecimentos com seus acasos vão colocando para cada um de nós" (Lima & Yasui, 2020).

O estudo do sonho através da pesquisa de mestrado foi uma espécie de desenvolvimento e apropriação de uma dupla matriz onírico-poética para a pesquisadora. Matriz que embasa sua formação clínica na interface com as artes, na ampliação de uma terapia ocupacional implicada com a instauração de possibilidades de cuidado, de criação e de vida. E também, matriz de todas as criações artísticas da pesquisadora durante o período do desenvolvimento do mestrado e que perdura após sua conclusão, constituindo possivelmente um trabalho duradouro que se seguirá ao longo de sua trajetória.

Esse trabalho de criação teve como intenção adentrar um plano comum de um sonhar junto, de diferentes modos de sonhar e de ressignificar os sonhos. Embora existam muitos modos de se relacionar com o trabalho onírico, o sonho é um fio que nos une pelo próprio gesto de sonhar, assim como ocorre com o respirar, com o nascer ou o morrer.

A coleta de sonhos próprios e de terceiros e o compartilhamento desses fragmentos poéticos na pesquisa, junto de certas noções de sonho e de como alguns artistas criaram, constituiu um micro gesto de resistência política, pelo gesto de sonhar, de criar e de se libertar das temporalidades impostas pelo capital, pelo sistema 24/7. Desacelerar, desplugar, pausar, lentificar os processos, criar, ressignificar. É preciso ressensibilizar o corpo (Lima & Yasui, 2020), instaurar outros tempos, condizentes com uma vida criativa e poética.

Referências

Benjamin, W. (1987). Experiência e pobreza. In *Obras escolhidas – Vol.1 Magia etécnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.

Blanchot, M. (2013). *Livro por vir*. São Paulo, WMF Martins Fontes.

Crary, J. (2016). *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo, Ubu editora.

Deleuze, G. (2014). *Critica e Clinica*. São Paulo, Editora 34.

Debate na Biblioteca Mário de Andrade: "A vida é sonho" com Kaká Werá e Sidarta Ribeiro, 22/05/2020. (Acesso em 06/06/2020). <https://www.youtube.com/watch?v=PHckv5XgoaE>

Dicionário Houaiss online de português. <https://www.dicio.com.br/houaiss/>

Dicionário Priberam. <https://dicionario.priberam.org/>

Entrevista com Sidarta Ribeiro no Programa Roda Viva, TV Cultura, 06/01/2020. (Acesso em 25/05/2020). [youtube.com/watch?v=E4pO_h3D6jU](https://www.youtube.com/watch?v=E4pO_h3D6jU)

Entrevista com Sidarta Ribeiro no Podcast Fim do mundo, 05/09/2019. (Acesso em 07/07/2021). <https://www.youtube.com/watch?v=Ss-DOCWv-qc>

Freud, S. (2015). *A interpretação dos sonhos*. (Trad Renato Zwick). Porto Alegre, L&M Pocket.

Isoda, N. (2021). *Narrativa-rede: entre o sonho e a criação*. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-11042023-130213/pt-br.php>

Jimenez, J. (2014). *El surrealism e el sueño*. Catálogo da exposição do Museu Thyssen-Bornemisza. Madrid, Museo Thyssen-Bornemisza.

Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu*. São Paulo, Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.

Lima, E. A. (2009). *Arte, clínica e loucura: território em mutação*. São Paulo, Summus, FAPESP.

_____. (2019). Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em Terapia Ocupacional. In SILVA, C. R. (Org). *Atividades humanas e terapia Ocupacional*. São Paulo, Hucitec

_____ & Yasui, S. (2020). *Esperança equilibrista: memórias de lutas e tempos sombrios*. Conversa online realizada pelo curso de Psicologia da Unifio.

Masagão, M. (2005). *O zero não é o vazio*. São Paulo, Um Minuto, Fundação Padre Anchieta e TV Cultura, Filme.

Paz, O. (2017). *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Bazar do tempo.

Passos, E. & Kastrup, V. (Org). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina.

Stern, G. (2009). *Os sonhos de Grete Stern: fotomontagens*. Catálogo da exposição no

Museu Lasar Segall e no Instituto Moreira Salles. São Paulo, Museu Lasar Segall, Imprensa Oficial.

Contribuição dos autores: N. M. T. I.: Elaboração, formatação, revisão do texto E. M. F. A. L.: Leitura e revisão do texto.

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Bolsa CAPES - Demanda social)

Recebido em: 27/07/2024

Aceito em: 15/01/2025

Publicado em: 12/03/2025

Editores convidados: Grasielle Silveira Tavares